

# Arquitecturas Imaginárias

## Espaço real e ilusório no barroco português

Comunicação Investigar em Desenho, FBAUP, 25 Março 2009.  
Doutoramento em Geometria, área de conhecimento do desenho, ramo do desenho, domínio da arquitectura pelo DAAUM.  
Doutorando: João Cabelreira.  
Orientador: Prof. Arq. João Pedro Xavier (FAUP); Co-orientador: Prof. Arq. Jorge Correia (DAAUM).

O reconhecimento das leis perspécticas e dos fenómenos ópticos, a partir da idade moderna, consagra a experiência espacial como pressuposto do projecto, reequacionando a relação observador, forma arquitectónica e incluindo mecanismos de percepção. Simultaneamente a revisão da arquitectura clássica do primeiro ciclo do renascimento, que assimilara já a ciência perspéctica na concepção e acção projectual, questiona os limites da construção na interacção entre forma construída ou percebida.

Das experiências que decorrem desta nova cultura visual e projectual, permite-se a correcção da medida como no campanário do Duomo de Florença (Giotto), correcção da forma como na Praça do Capitólio de Roma (Miguel Ângelo) ou a correcção de profundidades como a Escada Régia no Vaticano (Bernini) e a Galeria do Palácio Spada de Roma (Borromini). Todas estas obras evidenciam a configuração da arquitectura, não em função da veracidade da medida do construído, mas, em função da observação, percepção e experiência de uma medida simulada.

Paralelamente decorrem as experiências de representação espacial integradas na arquitectura, à escala do real, de Melozzo da Forlì (Biblioteca Vaticana), de Mantegna (Câmara Degli Sposi, Mântua), de Peruzzi (Sala Delle Prospettive, Roma), dos pintores arquitectos de Bolonha como Michele Colonna (Palácio Pitti, Florença) e de Pozzo (Igreja de Santo Inácio, Roma), que questionam a materialidade do plano da construção.

Estas arquitecturas imaginárias – quadraturas – colocam de modo afirmativo o observador (o sujeito da experiência espacial) no centro da concepção de imagens que não visam apenas a representação ou antevisão de arquitecturas (aí estaríamos no campo do processo de projecto), mas em serem elas mesmas arquitectura (obra definidora de espaço), interferindo sobre as características do edificado transformando-o num simulacro.

A interioridade barroca, já de si rica no trabalho dos planos de composição, na complexidade da estrutura geométrica da planta e da secção, no dramatismo do tratamento de luz, complexifica o espaço e amplia objectivos conceptuais ao incluir representações que arrombam perspéctivamente os planos da construção.

O espaço real (o edificado) é dilatado, senão mesmo desmaterializado, segundo extensões virtuais (o representado). Estas novas hipóteses ao campo da concepção espacial deitam por terra a crença num mundo ordenado, regular, constante e explicável, mas verdadeiro, para incluir no campo teórico e prático da construção princípios de incerteza e atribuir uma dimensão ilusória ao contentor espacial. Questiona-se a natureza da construção, desafia-se a física e expõe-se a incapacidade de alcançar o modelo ideal renascentista. Estabelece-se, aos olhos do observador, uma nova “realidade”.

A investigação de doutoramento apresentada aborda os princípios geométricos que se encontram na génese e construção destas imagens visando o reconhecimento das relações (perceptivas e compositivas) na construção de um espaço ilusório sobre um espaço real.

Centrando-nos então no âmbito mais estrito da investigação, o caso português, analisa-se o contexto nacional da produção arquitectónica e quadraturista a par do estado do conhecimento sobre a ciência perspectiva. A influência estrangeira, nomeadamente ao nível da tratadística e experiência arquitectónica italiana (a construtiva e a representativa), permite criar saídas a uma tradição construtiva pragmática ou chã, como é denominada por Kubler<sup>1</sup>. Avaliam-se as operações, teóricas e práticas absorvidas, transformadas e aplicadas pelos autores nacionais, conduzindo à produção de arquitecturas imaginárias em Portugal.

A quadratura em Portugal poderá ser entendida como o resultado mais erudito de um vasto conjunto de experiências na transformação dos limites da construção que vêm sendo testados desde os alvares do renascimento: os ensaios construtivos de Diogo de Torralva (Ermida de Nossa Senhora da Conceição, Tomar; Igreja da Graça, Évora) reflectem preocupações sobre a percepção da forma construída, contemporâneas da problematização italiana; a produção azulejar que ao participar na resolução de problemas do foro espacial se liberta do seu carácter decorativo. A azulejaria corrige assimetrias da construção e anima superfícies murais pela repetição de padrões poliédricos que desmontam os planos da construção. Do ciclo dos grandes mestres azulejadores, da primeira metade do século XVIII, destacam-se as obras de Policarpo de Oliveira Bernardes (Igreja de S. Lourenço, Almancil; Forte de S. Filipe, Setúbal) onde as arquitecturas representadas se libertam da função de enquadramento de narrativas para adquirirem valor tectónico, intervindo directamente na definição e caracterização do espaço.

A concepção de arquitecturas imaginárias estabelece-se assim como lugar de liberdade na concepção arquitectónica, livre dos constrangimentos da física da construção, mas instrumentalizado ao serviço da corte ou da aclamação do triunfo da igreja romana.

No âmbito da tratadística nacional, podemos referir o tratado de Philippe Nunes (*Arte da Pintura. Symmetria, e Perspectiva*, 1615) e o de Pedro Nunes Tinoco (*Tratado de Prospectiva*, 1631). Contudo, enquanto o primeiro não vai além da enunciação do vélo Albertiano, do cone visual e da recessão dos elementos no quadro pelo ângulo dos raios visuais, o segundo é uma tradução, não terminada, do tratado de Sebastiano Serlio (*Libro Secondo, Di Prospettiva*, Paris, 1545) onde, porém, o autor corrige o esquema da determinação das profundidades, erro em que incorreria Serlio.

Na reflexão e sistematização teórica nacional, a figura central é o Padre Jesuíta Inácio Vieira. Docente na *Aula de Sphera*, redige o *Tractado da Óptica* (1714), e o *Tractado de Prospectiva* (1716), organizando o estado do conhecimento sobre a *natureza e propriedades da vista*, os *enganos e desenganos da vista* e os *fundamentos da prospectiva*. Aborda as propriedades geométricas dos raios visuais, os princípios das ilusões ópticas e os valores ópticos e matemáticos inerentes à representação do espaço a par das consequentes aplicações práticas à arquitectura e pintura.

---

<sup>1</sup> KUBLER, George. *Portuguese Plain Architecture, Between Spices and Diamonds, 1521-1706*. Middletown, 1972.

Das obras em estudo evidencia-se o Tecto da Igreja da Pena (Lisboa, de António Lobo, 1719). Discípulo directo de Bacharelli, introdutor da quadratura bolonhesa em Portugal, António Lobo é o 1º autor nacional a explorar os campos da arquitectura ilusionista. O Tecto da Igreja do Menino de Deus (Lisboa, João Nunes Abreu, c. 1730) e Tecto da Igreja de Nossa Senhora do Cabo (Cabo Espichel, Lourenço da Cunha, 1740), obras maduras do ciclo de encomenda régia. A abóbada da Capela-mor da Igreja do Colégio da Companhia de Jesus (Santarém, Luís Gonçalves Sena, 1754) encomenda jesuíta, meio privilegiado na circulação de informação sobre a ciência perspectica.

Posteriores são as obras da Sala da confraria da Ordem Terceira na Igreja de S. Francisco (Évora, autor desconhecido, c. 1776) e da Tela Maior da Igreja de S. Paulo (Lisboa, Jerónimo de Andrade, c.1780), obras do culminar da experiência barroca marcando a transição para o período seguinte mais académico e de menor capacidade experimental e inventiva.

Estes exemplos instituem-se como obras singulares na relação entre espaço real/ilusório, como, na variação metodológica da construção perspectica confrontando o modelo mais purista de um ponto central de Andrea Pozzo, com o modelo dos *puntos transcendentalis* desenvolvido pelos Bibienas na escola de Bolonha.

#### **Obras escritas de autores portugueses em estudo:**

Philippe Nunes: *Arte da Pintura. Symmetria, e Perspectiua*. 1615

Pedro Nunes Tinoco: *Tratado de Prospectiva*. 1631

Inácio Vieira: *Tractado da Óptica*. 1714

Inácio Vieira: *Tractado de Prospectiva*. 1716

José de Figueiredo Seixas: *Nova Explicação*. 1732

#### **Obras construídas de autores portugueses em estudo:**

*Tecto da Igreja da Pena* (Lisboa) – António Lobo (1719)

*Tecto da Igreja do Menino de Deus* (Lisboa) – João Nunes Abreu (c. 1730)

*Tecto da Igreja de Nossa Senhora do Cabo* (Cabo Espichel) – Lourenço da Cunha (1740)

*Abóbada da Capela-mor da Igreja do Colégio da Companhia de Jesus* (Santarém) – Luís Gonçalves Sena (1754)

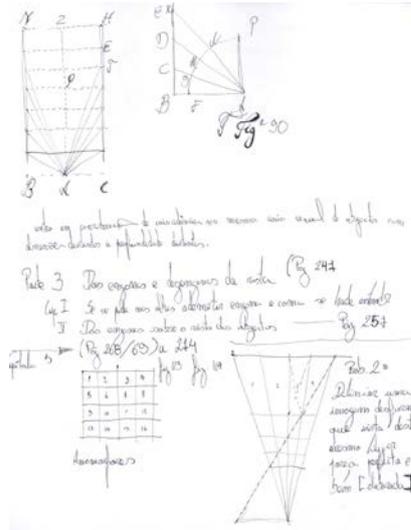
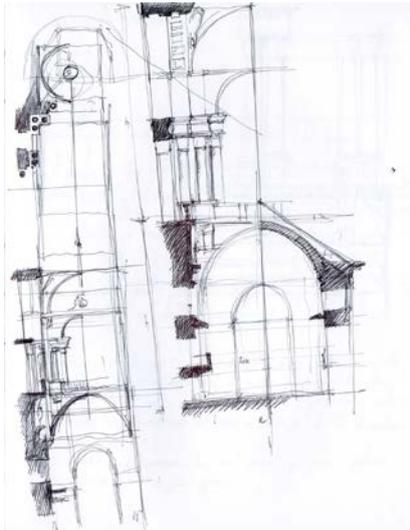
*Sala da confraria da Ordem Terceira*, Igreja de S. Francisco (Évora) – Autor desconhecido (c. 1776)

*Tela Maior da Igreja de S. Paulo* (Lisboa) - Jerónimo de Andrade (c.1780)

Englobando temas decorrentes da prática e orientação pedagógica, a par do interesse na inter-acção forma/percepção, a investigação aprofunda conhecimentos numa visão do espaço arquitectónico enquanto síntese de uma complexa rede de cruzamento entre diferentes áreas disciplinares (cultura arquitectónica, desenho, geometria e óptica).

Cruzam-se a tratadística científica com a concepção espacial e os processos da acção projectual, indissociáveis de um conhecimento efectivo sobre estas arquitecturas imaginárias onde se confrontam espaço real (edificado) e illusório (simulado).

A investigação propõe a divulgação de um importante acervo patrimonial científico (os tratados de Perspectiva e Óptica do Padre Inácio Vieira, ainda inéditos), artístico e arquitectónico (obras de representação arquitectónica).



Desenhos de estudo e levantamento: Análise *in loco* da quadratura na abóbada da igreja do Santuário de Nossa Senhora do Cabo (1740, Cabo Espichel) de Lourenço da Cunha; Reconhecimento do manuscrito do *Tractado da Óptica* (1714, Lisboa) de Inácio Vieira.

Através deste caso de estudo (a proposta espacial ilusória no barroco português), pretende-se recuperar e aprofundar conteúdos da “Ciência Perspéctica” passíveis de integração no pensamento arquitectónico contemporâneo onde a configuração espacial exige, na sua relação com a multiplicidade de tecnologias que aí participam, a compreensão complexiva de princípios geométricos e ópticos a par dos modos de percepção espacial indissociáveis dos objectivos conceptuais do projecto.

A análise das obras exige o cruzamento entre os sistemas teóricos e as aplicações práticas, construindo esquemas interpretativos (processos do desenho arquitectónico - cognitivo e representativo - na análise de representações que se impõem como “arquitecturas”), onde se exponha a inter-acção entre espaço construído e espaço representado. Para tal construir-se-ão modelos onde, a um levantamento geométrico do espaço real, se sobreponha as suas extensões virtuais expondo a transformação espacial ocorrida. A desconstrução das obras de quadratura vai se encontro ao reconhecimento dos processos de desenho geométrico e pensamento arquitectónico em si encerrados, compreendendo as suas motivações condicionadas por um grupo *teórico-matemático* (que se reflecte nos sistemas de projecção) e um grupo *prático-empírico* (intrínseco aos princípios da resolução concreta dos problemas da sua execução).